



Sem-teto e discurso hegemônico: reintegração de posse nos enquadramentos dos jornais *Folha e Estadão*¹

Breno da Costa ALVES²
Vinícius Rodrigues MACEDO³
Paulo Francisco MANTELLO⁴
Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP

RESUMO

O presente trabalho realiza a análise de enquadramento dos jornais *Folha de São Paulo* (FSP) e *O Estado de São Paulo* (OESP), edição de 17 de setembro de 2014, no processo de reintegração de posse de edifício abandonado na avenida São João, centro de São Paulo. A ação culminou no enfrentamento entre famílias da Frente de Luta por Moradia (FLM), a Polícia Militar (PM) e outros manifestantes por mais de 12 horas. Para a análise do objeto foram utilizados autores como Murilo Cesar Soares e Leandro Colling. Os veículos de imprensa analisados relatam sobre o tumulto na região, mas diferem, sutilmente, na apresentação dos envolvidos no fato. Ambas as coberturas são construídas a partir do discurso ideológico hegemônico e contribuem para a consolidação desse pensamento, impossibilitando o debate plural e democrático.

PALAVRAS-CHAVE: enquadramento; agenda-setting, cobertura jornalística; discurso hegemônico; reintegração.

INTRODUÇÃO

O jornalismo utiliza técnicas para selecionar o que é viável e interessante ao público, seguindo os parâmetros de noticiabilidade. Há, portanto, a seleção dos fatos, realizada pelos veículos de comunicação, e a construção da notícia, resultado da apuração do jornalista. A autora Isabelle Anchieta de Melo (2007, p. 02) afirma que “há entre o acontecimento e a notícia um processo de escolha e hierarquização dos acontecimentos que são ou não considerados publicamente relevantes”. Melo considera que a notícia não reflete o real porque são publicados apenas fragmentos do ocorrido.

A seleção diz respeito à teoria do agenda-setting. Bernard Cohen (1963 *apud* COLLING, 2001, p. 89), cientista e historiador norte-americano, aponta que “a imprensa pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas tem, no

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UniToledo, email: al_breno@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UniToledo, email: viniciusmacedo.jornalismo@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UniToledo, email: pfmantello@hotmail.com



entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores o que pensar”. Já a construção da notícia é resultado da subjetividade do repórter. “Eles (jornalistas) reconstróem diariamente o mundo impondo-lhe sua verdade cristalizada sobre as pessoas, sobre os fatos, sobre as ocorrências novas [...]” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 102). A partir dos argumentos supracitados, esta análise propõe-se a estudar o posicionamento dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* a respeito do processo de reintegração de posse em edifício ocupado por sem-teto na avenida São João, centro da capital paulista.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O trabalho utilizou como método de pesquisa a análise de enquadramento noticioso para comparar a cobertura de dois veículos de comunicação. Segundo Entman (*apud* Soares 2005), a essência do enquadramento é o dimensionamento, ou seja, ampliar ou reduzir elementos da realidade retratada para fazê-los mais ou menos salientes.

Foram criados dois pontos de observação: Categorização do Fato e Espaço de Cobertura. O estudo fez o levantamento e quantificação de oito palavras em ambos os jornais. A análise foi realizada a partir dos estudos de José Arbex Junior, que aborda sobre a impossibilidade do debate plural em decorrência do discurso hegemônico presente nos grandes veículos de comunicação.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Na análise, identificamos que o jornal *Folha de São Paulo* (FSP) mostra-se mais imparcial ao relatar o início da confusão. O veículo apresenta dois argumentos que fazem um contraponto: o primeiro é do secretário da Segurança da cidade São Paulo que diz que as agressões começaram por parte dos sem-teto; o segundo é do movimento, que se defende ao dizer que apenas revidaram os disparos de bombas de gás lacrimogêneo feitos pela Tropa de Choque da Polícia Militar. Em contrapartida, *O Estado de São Paulo* (OESP) afirma que o confronto iniciou-se por parte dos sem-teto ao atirarem pedras e eletrodomésticos do alto do prédio nos policiais. Conforme o diário, a PM apenas revidou o ataque. Não há espaço à perspectiva dos sem-teto. O confronto foi exposto como resultado do desentendimento entre ambas as partes.

Enquanto OESP no primeiro parágrafo aponta que a reintegração de posse aconteceu em uma “ocupação” na avenida São João, centro da capital paulista, a FSP diz, também no início da matéria, que o fato trata-se da reintegração de edifício “invadido” por sem-teto.



Além disso, o primeiro relata que a confusão entre os sem-teto e a Tropa de Choque da Polícia Militar foi endossada por outros manifestantes, e, diferentemente, o segundo afirma que o conflito deu-se apenas entre os dois grupos ocasionando inclusive saques e vandalismo. A FSP apenas cita a participação da tática “black block” no tumulto.

No caso do OESP, os sem-teto estarem residindo em edifício desativado na avenida São João foi intitulado como “ocupação”. A palavra foi utilizada 22 vezes pelo jornal contra seis de FSP. O termo “invasão” foi escolhido pela Folha 21 vezes para relatar o fato, enquanto o Estadão a usou apenas três. As palavras em questão remetem a significados diferentes. Enquanto o verbo ocupar designa o ato de se apossar de algo, invadir significa tomar, dominar à força, ou seja, ocupação tem um sentido mais brando comparado com invasão, que, por sua vez, tem caráter hostil e violento. As duas palavras sugerem ilegalidade, porém, o termo mais utilizado pela FSP denota uma ação contrária e reprovável pelo juízo de valor social. OESP nomeia a ação dos sem-teto como ocupação, mas diz que “continuavam espalhando terror pelas ruas do centro” enquanto a PM realizava o trabalho apaziguador.

Na busca por um termo que substitua “reintegração”, utilizado 11 vezes pelo OESP e 15 pela FSP, os jornais optaram por “confronto”, “confusão”, “tumulto” e “conflito”. Entre os sinônimos, a palavra mais repetida pelo OESP foi confronto, seguida por confusão. A FSP também optou por confronto, seguido por tumulto e conflito. Os termos foram coletados na cobertura como um todo, o que inclui chamada de capa, título interno, linha-fina, legendas e matéria.

Nota-se também que, no título da matéria, OESP prefere utilizar a palavra “reintegração” para designar o ocorrido, enquanto FSP usa “despejo”, o que remete a algo mais agressivo. Na linha fina, OESP prefere dar destaque à quantidade de pessoas presas em decorrência do confronto. A FSP diz que houve conflito entre invasores e policiais por conta de reintegração de posse.

Outro ponto importante é o relato do envolvimento entre FLM e PT (Partido dos Trabalhadores), partido ao qual pertence o prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad. Na edição de OESP há a afirmação que o grupo tem apoio do partido. De maneira sutil, a FSP usa o termo “ligação” para relacionar o movimento ao partido e ainda ressalta que a entidade não possui conotação política. Ambos os jornais deram destaque ao assunto em retranca.

A análise de enquadramento também permite identificar que o relato foi construído a partir do ponto de vista hegemônico. Os jornais examinados não relataram o contexto em que a ocupação está inserida, ou seja, a perspectiva utilizada refere-se ao senso-comum, que



apresenta os sem-teto como invasores de propriedades privadas e a Polícia Militar como violenta. Ambos as coberturas dos veículos contribuem para a consolidação desse pensamento.

Na opinião de José Arbex Junior (2003), “[...] os fatos são tirados de seu contexto e transmitidos como se fossem eventos fragmentados, sem qualquer vínculo com a história, com a sociedade, com a economia”. O pensamento do jornalista é válido a esta ocasião, afinal, nem OESP e nem a FSP apresentam reportagem contextualizada à realidade dos envolvidos na reintegração de posse. O autor ressalta que a mídia, ao utilizar o discurso hegemônico, impossibilita o debate plural e democrático das ideias, contribuindo, então, com a demonização dos movimentos populares a partir da manipulação do imaginário.

O monopólio da comunicação exercido pelas corporações da mídia tem consequências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade. Impede o debate plural e democrático das ideias, torna invisível – quando não “demoniza” – atores e movimentos sociais, padroniza comportamentos, constrói percepções e consensos segundo critérios e métodos não transparentes e não submetidos ao controle das sociedades. (ARBEX, 2003, p. 385)

Os números revelam que as palavras “Polícia Militar”, ou PM, e policiais foram repetidas 55 vezes por OESP e 53 pela FSP. Os termos “sem-teto”, “manifestantes/manifestação”, “movimento” e “moradores” somados correspondem a 31 e 29, respectivamente. É importante ressaltar que a palavra “manifestantes/manifestação” carrega neste contexto sentido pejorativo, pois os veículos de comunicação relatam o centro de São Paulo como “campo de batalha” e “palco de guerra”. Também tratam a ausência de estrutura para a retirada dos pertences do sem-teto como informação adicional. Os “sem-teto”, portanto, são tratados como minoria violenta e ilegal. A PM é lembrada por conta da violência, mas a ação é justificada porque o objetivo da instituição é estabelecer a ordem ao dispersar a desordem.

Embora os dois jornais estivessem tratando de um mesmo tema, o espaço de cobertura realizado evidenciou as diferenças de abordagem em cada um deles. Enquanto o OESP insinua que novos confrontos tendem a surgir futuramente devido ao fato de existir outras ocupações na região central de São Paulo, a FSP opta em não divulgar a informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O OESP e a FSP adotaram enquadramentos muito parecidos quanto ao caso reintegração de posse de edifício na avenida São João, centro de São Paulo. No quesito de



espaço físico (paginação), pode-se dizer que o OESP agendou mais o tema. No total foram três páginas, sendo uma matéria e sete retrancas contra duas páginas da FSP, sendo uma matéria e três retrancas.

Em relação aos termos utilizados para rotular os envolvidos no assunto, o OESP optou em utilizar-se de palavras mais brandas e neutras como moradores e ocupação, ao contrário da FSP que preferiu ser mais ofensiva ao denominar, com muito mais frequência, os envolvidos como invasores. Apesar disso, FSP apresenta contrapontos entre os discursos da Polícia Militar e dos sem-teto e aponta que o confronto aconteceu unicamente entre ambos – apenas cita que a PM identificou integrantes da tática “black block”. Enquanto isso, OESP relata que a confusão foi endossada por outros manifestantes, mas não traz ao conhecimento público a perspectiva do movimento social.

As coberturas reafirmam o discurso ideológico hegemônico a respeito dos movimentos sociais e não contextualizam a problemática dos sem-teto que ocupam edifícios abandonados em São Paulo. O fato noticiado é apenas um fragmento de uma questão histórico-social muito mais abrangente do que o noticiado em ambos os jornais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JR, José. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In. MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70

COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº 14, p. 88-101, abr. 2001

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

LOPES, Paula Cristina. **Jornalismo e linguagem jornalística: revisão conceptual de base bibliográfica**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-linguagem.pdf>>. Acesso em: 2 de nov. 2014

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. In: Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

MELO, Isabelle Anchieta de. **A defesa de uma nova subjetividade jornalística: a intersubjetividade**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-intersubjetividade.pdf>>. Acesso em: 2 de nov. 2014.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 450-465.